

SONORIDADES DE POVOADOS MINEIROS NOS SÉCULOS XVII-XIX na interface entre história, música, arquivos e ensino

BUARQUE, VIRGÍNIA (1); BUSCACIO, CESAR (2)

1. Universidade Federal de Ouro Preto. Programa de Pós-Graduação “Música e Interdisciplinaridade” Rua do Seminário, s. n. – Centro – Mariana – MG – 35.420-000
virginiacastrobuarque@gmail.com

2. Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de Música.
Campus do Morro do Cruzeiro, Bauxita, Ouro Preto, 35.400-000
cesarbuscacio@gmail.com

RESUMO

Este texto propõe-se a apresentar o projeto de constituição de cartografias histórico-sonoras, em formato digital, das localidades de Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Gesteira (praticamente soterradas pelo deslizamento de rejeitos de minérios provenientes do rompimento da Barragem de Fundão). Tais cartografias irão disponibilizar as sonoridades do ecossistema, os sons do cotidiano social e as produções musicais, que, em sua evocação das memórias e sensibilidades, mostram-se indissociáveis de outras expressões sensoriais (visuais, táteis etc.). Essas sonoridades e sensorialidades serão previamente identificadas por meio de levantamentos bibliográficos, arquivísticos (acervos disponíveis para consulta em museus, arquivos e outras instituições de memória) e depoimento dos antigos moradores, tendo como critério prioritário sua relevância para as culturas locais. Em paralelo, as sonoridades e sensorialidades serão interpretadas com base nos textos produzidos pelos pesquisadores, de forma interligada com os testemunhos daqueles que ali viveram e nas fontes documentais disponíveis. Em termos teórico-conceituais, o projeto fundamenta-se na noção de cartografia de escuta, em diálogo com autores como Murray Schafer, Stephen Feld, Michel de Certeau e Lilian N. Nakahodo. Por fim, as cartografias serão dispostas em plataforma on-line, mantidas pela Universidade Federal de Ouro Preto, em uma imbricação de saberes históricos, musicológicos e ecológicos, cuja produção é assegurada pela formação plural da equipe engajada no projeto.

Palavras-chave: Cartografia; Arquivos Sonoros; Bento Rodrigues; Paracatu De Baixo; Gesteira.

1. Da experiência da perda ao tema de pesquisa

Em 5 de novembro de 2015, uma irreparável experiência de perda foi vivenciada pelas comunidades diretamente atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão, localizada do município de Mariana, estado de Minas Gerais. Quando essa estrutura de contenção de rejeitos de minérios, de propriedade da empresa Samarco S/A, veio a ruir, milhares de toneladas de lama foram derramadas no rio Gualaxo do Norte.

O território banhado por esse rio localiza-se ao norte do município de Mariana. Seu curso já era conhecido desde os primórdios da colonização mineira, devido à extração de ouro, que logo veio a ser realizada em seu leito e nas montanhas ao redor. Em paralelo, nas proximidades do rio, foram sendo fundados povoados, que perduram até a contemporaneidade, como, Camargos, Bento Rodrigues, Bicas, Ponte do Gama, Paracatu de Cima, Paracatu de Baixo, Pedras e Campinas. Após percorrer Mariana, o rio Gualaxo do Norte adentra em Barra Longa, passando pelo povoado de Gesteira, até atingir a sede desse município e confluir com o rio Gualaxo do Sul, que também percorreu parte do território de Mariana. Os dois rios unem-se então ao Ribeirão do Carmo, que, quilômetros abaixo, junta-se ao rio Piranga, para formarem o rio Doce (ICOMOS BRASIL; IEDS; UFMG, 2019).

Três localidades foram mais diretamente atingidas pela queda da barragem, sendo praticamente soterradas. A primeira foi o subdistrito de Bento Rodrigues, que integrava o distrito de Santa Rita Durão, “comunidade rural [...] [que] se configurou como um importante centro de mineração no século XVIII” (PEREIRA, 2017). Em decorrência, 19 pessoas morreram e cerca de metade dos aproximadamente 600 moradores ficou desalojada. Logo a seguir, as águas contaminadas do Gualaxo do Norte atingiram Paracatu de Baixo, subdistrito de Monsenhor Horta, cuja “economia era baseada na lavoura de milho e do feijão, produção leiteira e na criação de aves” (PEREIRA, 2017). Pouco depois, foi a vez de Gesteira, pequeno povoado de 115 habitantes, ter parte de sua área coberta por dejetos, principalmente “toda parte baixa, onde se inseria a Capela de Nossa Senhora da Conceição [...], assim como várias fazendas” (PEREIRA, 2017). A partir daí, a lama desaguou no rio do Carmo e chegou ao rio Doce, até sua foz no oceano Atlântico, no município de Linhares, estado do Espírito Santo, em torno de 16 dias depois de tal destruição socioambiental.

Toda essa perda foi acompanhada do desaparecimento de práticas sonoras de cunho identitário das comunidades que viviam nas proximidades do Gualaxo do Norte:

Os sons em Bento Rodrigues aos finais de semana eram tradicionais: crianças brincando pelas ruas, pequenos bate-papos com vizinhos e amigos em frente de casa, festas e

reuniões familiares. Com tudo debaixo da lama, o dia 6 de novembro [de 2015] era para ser o mais silencioso do pequeno povoado mineiro. Mas, dessa vez, o ambiente de Bento Rodrigues foi preenchido pelo barulho de helicópteros e grupos de resgate, que circulavam pelo vilarejo à procura de sobreviventes (FREIRE, 2016, s.n.).

A violência das águas destroçou o patrimônio material e intangível desses ambientes socionaturais, aí incluídas suas sonoridades. O anseio de solidarizarem-se com as três localidades atingidas pela enxurrada de lama provinda da barragem rompida conduziu os dois autores deste capítulo, Virgínia Buarque e Cesar Buscacio, a selecionarem a reconstituição histórico-social do entorno do rio Gualaxo do Norte a partir das sonoridades que aí ecoavam como temática de seus estágios pós-doutorais.

A delimitação cronológica dessa pesquisa compreendeu meados do século XVII até o final do século XIX, quando a introdução do maquinário e da tecnologia industrial ainda não havia alterado de forma expressiva a percepção e a significação das sonoridades promovidas naquela região. Ademais, como o intuito era tentar abordar a perda sofrida pelas comunidades sem absolutizar a fixação no sofrimento, buscou-se destacar possibilidade de reelaborar a perda em novas experiências, recorrendo-se para isso à reconstituição das sonoridades ecoantes no entorno do Gualaxo do Norte em uma temporalidade mais afastada. Elas são assim compreendidas como um legado (dimensão testamentária) (CUNHA; BUARQUE, 2015, p. 16), mas também como uma incitação (faceta embrionária) (RICOEUR, 2008; [1995]), potencializando a recomposição dos vínculos identitários dos moradores com as localidades onde residiam ou conviviam.

De forma concomitante, ao demarcar-se o Gualaxo do Norte como vetor das sonoridades que reverberavam no ecossistema, nas práticas sociais, no emprego das técnicas, nas formulações culturais e religiosas da área situada nas imediações desse rio, reportamo-nos à importância então conferida ao som das águas no território mineiro. Aqueles que atravessavam aquela região deparavam-se continuamente com rios e córregos, que deveriam atravessar a vau ou em canoas e pequenas balsas. E se o espaço interior da Colônia portuguesa era caracteristicamente fluvial (FURTADO, 2008, p. 24), a importância sonora das águas perdura até a contemporaneidade, inclusive nas localidades destruídas pela queda da barragem de Fundão, como narrado por um dos moradores daquele povoado:

Bem na beira da estrada e subindo um pouco, no meio da mata, havia duas lagoas. Uma menor, que a gente chamava de 'poço', e a outra, 'lagoa santa', que era formada pelas águas que vinham das nascentes. A gente chamava de lagoa

santa por causa do que contam, que lá existia uma igreja que afundou. [...] Usávamos o poço para nadar, e as pessoas que moravam no cascalho (à beira rio) também iam lavar roupa. Aos domingos, quando tinha futebol, o pessoal até ia beber daquela água. Se ela era santa, no sentido milagroso do termo, eu acho que era. Ela reunia as pessoas do Bento [Rodrigues]. De alguma forma, a água pura juntava a gente. Quem era de cima, quem era de baixo. E também tinha música lá, dos sons de carros, dos cantores e cantoras de beira de lagoa. Era um ritmo, da água, do som, era o nosso ritmo (SALES; MUNIZ; PASCOAL, 2018, s.n.).

Esta seção teve por propósito explicitar a fundamentação teórico-conceitual e também operatória da pesquisa de pós-doutorado que começou a ser realizada.

2. Formulando a noção operatória de sonoridades

A pesquisa a que nos propusemos realizar implica, preliminarmente, a exigência de fundamentação conceitual da temática escolhida. Contudo, o termo *sonoridade*, além de apresentar-se como relativamente novo no vocabulário acadêmico, encontra-se dotado de grande polissemia semântica (CASTRO, s. d.). Consideramos então mais cabível empregar o termo *sonoridade* como uma noção operatória, privilegiando seus empregos e seus esquemas de ação – ou seja, buscando delinear uma teorização a partir das práticas. Assim, entendemos por sonoridade uma imbricação de significados histórico-culturais com os sons produzidos-escutados no decorrer da existência social: sonoridade e escuta apresentam-se como dois conceitos em interface indissociável. Sons, por sua vez, são reconhecidos como manifestações físico-acústicas de cunho efêmero e evanescente; “vibração que se transmite para a atmosfera sob a forma de uma propagação ondulatória, que o nosso ouvido é capaz de capta[r] e que o cérebro [...] interpreta” (WISNIK, 1989, p. 15). Logo, as sonoridades incidem sobre uma gama extremamente variada de sons: os advindos dos ecossistemas, os que são promovidos por objetos e máquinas e os produzidos por intervenções humanas. Neste último caso, as sonoridades configuram-se em modalidades verbais (falas, gemidos, gritos, soluços, silêncios...), musicais (instrumentais e de canto) ou híbridas (numa mescla de diversos ou, mesmo, de todos esses elementos).

De forma concomitante, as sonoridades são constituídas mediante o acionamento simultâneo da corporeidade, da sensibilidade, da racionalidade e de referências histórico-culturais. Afirma a pianista e compositora de cartografias sonoras Lílian Nakahodo: “[...] identificamos, significamos e ressignificamos os sons em conexões rizomáticas com o mundo” (NAKAHODO, 2014, p. 77-78). Logo, as sonoridades consistem em elemento potencializador

– e performatizador – de relações e saberes diferenciados. Elas tanto podem fortalecer sistemas hierárquicos e, até, excludentes, como propiciar críticas às ordens estabelecidas e transformações sociais de cunho inclusivo.

Na confluência dessas operatórias, recorremos à reflexão da musicóloga Rosângela Pereira de Tugny para sugerir que as sonoridades, mais do que um “objeto sonoro” (expressão ainda perpassada pela dicotomia que a contrapõe a um sujeito cognoscente), possam ser abordadas como uma “agência sonora”:

[...] os objetos podem ser pensados como pessoas, por terem capacidade de mediar relações entre sujeitos. Capacidade que não é inata, estanque, pré-determinada, e sim relacional. [...] a ‘agência’ de um objeto, como venho formulando aqui, é algo paradoxal: se objetos possuem agência, deixam de ser objetos ou, podemos também pensar de forma inversa: artista-compositor e objetos sonoros se tornam assim todos objetos (TUGNY, 2015a, p. 339).

Em nossa pesquisa, as sonoridades do entorno do rio Gualaxo do Norte circulantes entre os séculos XVII e XIX são entendidas como agentes sonoros que “muitas vezes permitiam aproximar o Velho Mundo, trazendo para mais perto as imagens da sociabilidade europeia, ‘civilizando’ a sociedade [...]; noutras vezes refletiam a alteridade que caracterizava o ‘viver em colônias’” (FURTADO, 2008, p. 24) ou em um Império de dinastia lusitana.

3. Apresentando uma dupla problemática e seu embasamento teórico

Mostra-se necessário aqui precisar a problemática que norteou a investigação proposta. A própria temática da pesquisa suscita de imediato uma primeira questão: Que sonoridades ecoavam nas proximidades do Gualaxo do Norte entre os séculos XVII e XVIII, mostrando-se significativas para a constituição da singularidade histórico-social daquela espacialidade? Para tentar responder a ela, o estudo reporta-se à vertente investigativa da história das sensibilidades (PESAVENTO, 2005), desenvolvida, sobretudo, a partir da década de 1990. Nela, as práticas de escuta também ganham realce:

Entender as disciplinas e normas que regem o uso dos sentidos, determinando o que é lícito ver, escutar, sentir, provar e tocar, ajuda a entender a historicidade de uma época, traduzindo uma hierarquia de sentidos que consagra e exclui valores. Uma das questões centrais da história das sensibilidades se refere à articulação entre a apreciação coletiva e a individual, incluindo-se os valores que a organizam, as considerações

sociais que as determinam e os modos e as lógicas que a envolvem. [...] [Assim,] perceber acontecimentos sociais a partir de um código que priorizava o universo auditivo possibilitou refinar a discussão da historicidade (VELLOSO, 2012, p. 17).

Na historiografia francesa, Alain Corbin tornou-se um dos autores mais consagrados nessa perspectiva. Ele mantinha diálogos (de afinidade e diferença) com a proposta lançada por Lucien Febvre no início da década de 1940, voltada para um estudo do uso social dos sentidos, que, posteriormente, foi desenvolvida por Robert Mandrou, na ótica da história das mentalidades, nos anos 1960 (CORBIN, 1990, p. 13). Os dois últimos autores atentavam, entre outros aspectos, para a importância nas sonoridades da época moderna; Corbin, para as práticas de audição no período pós-Revolução Francesa (VIDAL, 2005).

De forma simultânea, inquiremos: Quais eram as maneiras de escutar essas sonoridades que reverberavam na região do Gualaxo do Norte, imbricando sons e significações? Trata-se, portanto, de focar as maneiras de escutar, com atenção na menção ao aparentemente episódico e, até, ao insignificante, em um esforço não dissociável, por sua vez, do emprego da “imaginação histórica [para] construir certa sensibilidade para perceber e retirar do registro escrito um mundo sonoro ali silencioso, uma vez que não se escuta nele a estridência dos ruídos, a altura da fala, o volume do som, o barulho do vento, o grito da multidão ou do vizinho, a beleza da voz do cantor, o instrumento desafinado e assim por diante” (MORAES, 2018, p. 131).

E a quais regimes essas práticas de escuta poderiam ser remetidas ou, pelo contrário, subvertiam? Afinal: “Se há ‘regimes de visibilidade’, [não] seria possível falar em ‘regimes de escuta’, os quais estabeleceriam socialmente aquilo que deve ser ouvido e como deve ser?” (NAKAHODO, 2014, p. 26). A expressão regime de escuta remete aos estudos do filósofo Michel Foucault no âmbito da produção de um saber “arqueológico”:

Ao propor uma compreensão do campo do audível como um campo perpassado por diversos extratos, ou camadas de organização do material sonoro à disposição em determinada época e lugar, a arqueologia da escuta deve determinar não só os respectivos objetos de escuta socialmente produzidos e compartilhados em cada extrato histórico, mas também avaliar, a cada extrato, a dominância relativa que certos objetos exercem sobre os demais, seus diversos modos de enunciação característicos (gêneros, estilos e autores, por exemplo), os conceitos que suscita, as estratégias que provoca e os dispositivos que produz. Uma de suas primeiras funções é avaliar os diversos modos historicamente determinados de

escuta (ou regimes de escuta), mapeando e precisando suas diferenças (CAPELLER, 2011. p. 9).

A ótica arqueológica dos regimes é, assim, entremeada na perspectiva genealógica de Foucault, que busca escapar das causalidades, problematizando as práticas de poder, a subjetivação e a discursividade, que produziam um modo de ser, pensar agir e sentir específicos de uma época (CAPELLER, 2011. p. 9).

Particularmente no tocante às sonoridades, Foucault destacou como ao longo do processo de consolidação da modernidade elas deixaram de operar de forma alegórica, quando então se constituíam em saber indissociável de uma experiência vivida, para verem-se alçadas à condição de representações (nos séculos XVII-XVIII) e significados culturais tecidos no interior da linguagem (século XIX):

Desaparece então essa camada uniforme onde se entrecruzavam indefinidamente o visto e o lido, o visível e o enunciável. As coisas e as palavras vão separar-se. O olho será destinado a ver e somente a ver; o ouvido somente a ouvir. O discurso terá realmente por tarefa dizer o que é, mas não será nada mais que o que ele diz. Imensa reorganização da cultura de que a idade clássica foi a primeira etapa, a mais importante talvez [...] (FOUCAULT, 1999, p. 59).

De forma concomitante, indica Foucault, a escuta foi sendo subalternizada ao ver

[...] um campo novo de visibilidade que se constituiu em toda a sua espessura. Exclusão, sem dúvida, de ouvir-dizer; mas exclusão também do gosto e do sabor, porque com sua incerteza, com sua variabilidade, não permitem uma análise em elementos distintos que seja universalmente aceitável. Limitação muito estreita do tato na designação de algumas oposições bastante evidentes (como as do liso e do rugoso); privilégio quase exclusivo da vista, que é o sentido da evidência e da extensão [...] (FOUCAULT, 1999, p. 181-182).

Em um diálogo crítico com Foucault, as análises do intelectual interdisciplinar Michel de Certeau permitem um retomar das tensões criativas entre os regimes e as práticas de escuta. Este autor, ao invés de priorizar as regularidades na composição de sistemas e os dispositivos de poder cerceador e punitivo (cuja incidência, porém, ele não deixa de reconhecer), realça o potencial desviante dos atos de enunciação. Assim, bem no cerne

dessa cultura clássica estudada por Foucault,

[...] o outro retorna sob a forma de ‘ruídos e urros’ ou de ‘doces e graciosos sons’. [...] Tanto o objeto visto é descritível, homogêneo às linearidades do sentido enunciado e do espaço construído, como a voz cria um abismo, abre uma brecha no texto, restaura um corpo-a-corpo. Voz em ‘off’. O que sai da boca e o que entra pelo ouvido pode ser da ordem do arrebatamento. Então os ‘ruídos’ superam a ‘mensagem’ e o cantado supera o falado (CERTEAU, 1982. p. 230; 234).

As práticas e os regimes de escuta inter-relacionados com as localidades do Gualaxo do Norte serão abordados em conjunto com as sonoridades em cada um dos seis capítulos a serem desenvolvidos.

4. Dialogando com as fontes

O estudo proposto deparou-se, de imediato, com uma dificuldade: além da óbvia inexistência de registros sonoros entre os séculos XVII e XIX na região mineira, havia poucos levantamentos preliminares sobre tais sonoridades nas fontes escritas (FURTADO, 2008; VIANA, 2011). Como alternativa, recorreremos a registros escritos que pontualmente (ou, mais ainda, apenas indiretamente) mencionam sons e ruídos, bem como comentam sobre a música. Elencamos dois grupos de fontes, em função de sua particularidade narrativa.

O primeiro grupo reúne textos que, a despeito da diversa denominação (geografias descritivas, corografias, memórias históricas...), consistem em produções que, de maneira geral, entrecruzavam a abordagem histórico-cronológica com a geográfico-espacial, a partir do enfoque ao local (lugar singularizado). Implicavam a posse de um conhecimento prático, indissociável da experiência vivida por parte daquele que escreve ou, ao menos, de quem lhe forneceu as informações compiladas. A prática, portanto, é uma mediação crucial entre a dimensão empírica e a reelaboração do vivido no plano do saber (KODAMA, 2008. p. 376-379). Tais textos podiam tanto reiterar a ordem político-econômica vigente –, sendo, inclusive, dedicados aos gestores administrativos das localidades, por exemplo, os governadores da capitania ou da província (ARAÚJO; SILVA, 2012, p. 43) –, como, por meandros retóricos, exprimir os descontentamentos da elite local com essa mesma ordem (FURTADO, 2009, p. 183).

O segundo grupo compreende os relatos de viagens empreendidas por estrangeiros. Promovidas, em sua maior parte, a partir da segunda década do século XIX, em um contexto de “redescoberta” do Novo Mundo, em um cenário de emancipações políticas das Américas, consistiam em um

importante auxiliar das atividades comerciais, bem como disponibilizavam acuradas descrições do meio natural, dos costumes e da política imperiais no Brasil. Tais relatos eram demarcados, sem dúvida, por marcantes perspectivas etnocêntricas, segundo os ideários hierárquicos de civilização, civilidade e progresso. Alguns deles conferiam atenção ao que consideravam “muitos ruídos”, como os das cerimônias católicas festivas e os dos foguetórios a elas associados (LIMA, 2012. p. 68).

Como as menções às sonoridades explicitamente reportadas por esse conjunto de fontes ao entorno do Gualaxo do Norte eram muito restritas, optamos por estender a catalogação às sonoridades experienciadas em outras localidades mineiras, desde que atendessem a dois critérios básicos: serem também promovidas em áreas de intensa extração mineral entre o final do século XVII e meados do século XVIII; e portarem um ecossistema similar àquele da área banhada pelo rio Gualaxo do Norte. Dessa forma, buscamos assegurar certa similaridade entre produções e escutas das sonoridades ecoantes na região estudada.

5. Articulações com o ensino de História e de Música

Buscando alcançar maior imbricação entre pesquisa e ensino, elaboramos, no decorrer de 2019, junto com o pós-graduando Isaías Gabriel Franco e as graduandas Laura de Figueiredo Ribeiro e Mariana Bicalho Camelo, o primeiro volume dos Cadernos Pedagógicos de Música da Universidade Federal de Ouro Preto, dedicado à abordagem didática das sonoridades didáticas do Gualaxo do Norte.

O “personagem” que protagoniza essa escrita didática da histórica é o próprio rio Gualaxo do Norte, reiterando-se, assim, seu reconhecimento como agente sonoro, conforme indicado no tópico 3 deste capítulo. Com isso, esta abordagem dialoga, ainda que com base em premissas distintas, com as cosmologias dos povos originários da América, que possuem uma sensibilidade basilarmente sonora. Entre eles, ouvir é um ato de copresença entre humanidades e não humanidades (individuais e coletivas, do presente e da ancestralidade), que compartilham e ensinam seus sons. Para tanto, o corpo se perfaz para escutar as sonoridades mais ínfimas dessas alteridades, emitidas, inclusive, no universo onírico (TUGNY, 2015b).

Tal escolha pode soar como surpreendente e, até, paradoxal por ter implicado uma aproximação com o gênero literário do relato fantástico. Segundo o crítico literário Tzvetan Todorov, a literatura fantástica, ao evocar figuras ou eventos extraordinários ou sobrenaturais, provoca uma hesitação, um estranhamento acerca do rotineiramente do vivido (TODOROV, s.d.). É justamente esse questionamento de lógicas inerentes ao nosso cotidiano – por exemplo, determinados tipos de consumo, de descarte, de dignificação

ou de desqualificação de alteridades – que almejamos provocar, mediante a conferência de um ato de fala (ainda que de forma “ventríloqua”) ao rio Gualaxo do Norte:

Triste sina a do historiador: dar vida ao texto, recuperar a memória de uma linguagem à primeira vista morta, ressuscitar o que foi perdido e, enfim, dar sentido a tudo isso, sem deixar-se infiltrar a menor suspeita de que tudo resulta dos artifícios do próprio historiador, estranho ventríloquo que pode estar apenas emprestando sua voz a um texto mudo, silenciado pelo peso do tempo, de sonoridade irrecuperável (ZILBERMAN, 2000. p. 112).

Embora apresentado a princípio como um gênero literário ficcional, o texto fantástico tem penetrado em diversas modalidades de saber contemporâneos, como na escrita jornalística (SILVA, 2019) e, de forma ainda incipiente, nas práticas pedagógicas de distintas disciplinas. No espaço escolar, o recurso à utilização da escrita fantástica como viés narrativo decorre, em parte, do esforço promovido pelos docentes em dialogar com os interesses dos estudantes:

Notamos, a partir desse diagnóstico, que as preferências dos pré-adolescentes giravam em torno dos livros que eram referendados como os mais lidos pela sociedade, dentre eles as narrativas fantásticas contemporâneas. E o que mais se destacou foi o fato de esses alunos relacionarem as escolhas de leitura às suas vidas, a fim de buscar uma proximidade entre a obra e o cotidiano (GUERRA, 2014, p. 64).

Assim, a narrativa fantástica vem sendo empregada, inclusive, pelo saber histórico escolar (SILVA, 2017) e em produções de cunho interdisciplinar, como os Cadernos a serem lançados pelo Departamento de Música da UFOP. Os dez textos desta produção pedagógica foram narrados por Mariana Bicalho Camelo, que verbalizou, no feminino, a voz do rio Gualaxo do Norte. Observe-se que em tradições ancestrais, como as ameríndias e as afro-brasileiras, a água é relacionada a atributos comumente associados a este gênero, como, fecundidade, sensibilidade afetiva, expressão de dimensões misteriosas da vida, e à incrível combinação entre fluidez e resistência (MARTINI, 2017).

A essa narração foram acrescidas as sonoridades dos ecossistemas, das práticas sociais e das musicalidades, obtidas de registros contemporâneos, cujo levantamento também ficou a cargo de Mariana Bicalho Camelo. Uma vez editadas as gravações, foi promovida sua versão para QRCode, em dupla atuação técnica de Laura de Figueiredo Ribeiro. Constituiu-se, assim, um fundo arquivístico sonoro de cunho didático, com material extraído da internet, mas de divulgação ou domínio públicos.

Ainda de forma concomitante, foram desenvolvidas propostas de oficinas investigativas, mediante o aporte de fontes históricas de diferentes suportes (cartografias, iconografias e literatura), em pesquisa de Isaías Gabriel Franco, com supervisão de Virgínia Buarque e Cesar Maia Buscacio. A imbricação dos textos com as oficinas visou favorecer a efetivação de um ensino crítico, integrado pelas práticas de pesquisa e pela valorização das memórias e saberes dos educandos, que eles exprimem em suas respostas e narrativas. Em paralelo, visou-se também suscitar um saber de perfil interdisciplinar capaz de contribuir para a superação dos dualismos presentes na reflexão ocidental (corpo/mente, natureza/cultura...) e, principalmente, para o fortalecimento de mobilizações da sociedade brasileira e da internacional em prol de novos paradigmas de convivência político-social em relação com o meio ambiente.

Em conclusão, nossos agradecimentos

Em nosso percurso reflexivo, tivemos a oportunidade de manter interlocuções com diferentes grupos e pesquisadores, aspecto que muito contribuiu para nossa investigação. Nesse sentido, gostaríamos de concluir nosso capítulo em formato de agradecimento, primeiro, às coordenadoras do Grupo de Pesquisa, Adriana Carvalho Koyama e Ivana D. Parrela, que tão bem nos acolheram no IV Simpósio Arquivos & Educação, realizado em setembro de 2010 no Arquivo Nacional, na cidade do Rio de Janeiro. Naquela ocasião, pudemos apresentar nossos estudos preliminares sobre as sonoridades do entorno do Gualaxo do Norte antes da presença dos colonizadores, produzindo, também, com elaboração técnica de Vinícius Bianco, uma animação gráfico-sonora. Por último, àquela que nos ajudou a acreditar na validade dos recomeços: professora Nara Rúbia de Carvalho Cunha, que publicou artigo especificamente dedicado à questão da espoliação sofrida pelas comunidades com a ruptura da barragem de Fundão (CUNHA, 2017). A essas três professoras e a todos os educadores e educadoras que se dedicam a potencializar vozes no mundo, dedicamos a letra-poesia de Gilberto Gil com a qual encerramos este capítulo:

Rebento, tudo que nasce é rebento
 Tudo que brota, que vinga, que medra
 Rebento raro como flor na pedra
 Rebento farto como trigo ao vento
 [...]
 Rebento, a reação imediata
 A cada sensação de abatimento
 Rebento, o coração dizendo: “Bata”
 A cada bofetão do sofrimento

Rebento, esse trovão dentro da mata
 E a imensidão do som
 E a imensidão do som
 E a imensidão do som desse momento (Gil apud Renno, 2003
 p. 269).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de; SILVA, Thiago Henrique Mota. Rústicos e civilizados: representações da sociedade, do espaço e do homem mineiro. **Cordis**. Comunicação, Modernidade e Arquitetura, n. 8, jan./jun. p. 33-68, 2012.

CAPELLER, Ivan. Introdução à arqueologia da escuta - Do som e da voz como objetos de enunciação. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, n. 24. v. 2, p. 7-15, 2011.

CASTRO, Guilherme Augusto Soares de. **O conceito expandido da sonoridade como ferramenta para entender o processo de criação musical em estúdio**. Disponível em: https://www.academia.edu/4613485/O_conceito_expandido_da_sonoridade_como_ferramenta_para_entender_o_processo_de_cria%C3%A7%C3%A3o_musical_em_est%C3%BAdio. Acesso: 12 fev. 2019.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CORBIN, Alain. Histoire et anthropologie sensorielle. **Anthropologie et sociétés**, v. 14, n. 2, p. 13-24, 1990.

CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho. A vida em segundo plano: produção de conhecimentos histórico-educacionais a partir de fotografias do desastre ambiental de Mariana-MG. **Revista TEL**, Irati, v. 8. n. 2, p. 119-138, jul./dez. 2017.

CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho; BUARQUE, Virgínia. A historiografia em viés testemunhal. **Locus: revista de História**, Juiz de Fora, v. 20, n. 2, p. 9-27, 2015.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREIRE, Simone. O adeus a Bento Rodrigues. **Brasil de Fato**. 2016. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/marcas-da-lama/bento-rodrigues/>. Acesso em: 10 dez. 2018.

FURTADO, Júnia Ferreira. Os sons e os silêncios nas Minas do Ouro. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). **Sons, formas, cores e movimentos na modernidade atlântica**: Europa, Américas e África. São Paulo, Belo

Horizonte: Annablume, Fapemig; PPGH-UFMG, 2008. p. 19-56.

FURTADO, Júnia Ferreira. Um cartógrafo rebelde? José Joaquim da Rocha e a cartografia de Minas Gerais. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 155-187, jul.- dez. 2009.

GUERRA, Élide Ferreira. A narrativa fantástica na aprendizagem escolar. **Olhares & Trilhas**, n. 19, p. 61-68, jan./jun. 2014.

ICOMOS BRASIL – CONSELHO INTERNACIONAL DE MONUMENTOS E SÍTIOS, COMITÊ BRASILEIRO; IEDS – INSTITUTO DE ESTUDOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL; UFMG – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Dossiê de tombamento de Bento Rodrigues**. Belo Horizonte: ICOMOS BRASIL; IEDS; UFMG, 2019. 329 p. Disponível em: <http://patrimoniocultural.blog.br/wp-content/uploads/2019/06/DOSSIE-BENTO-ICOMOS-2019.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2019.

KODAMA, Kaori. Itinerários, corografias e escritas da história: as viagens e os registros de Raimundo José da Cunha Matos no Império do Brasil. **Escritos II** – Revista da Casa Ruy Barbosa, Rio de Janeiro, n. 2, p. 373-395, 2008.

LIMA, Lílian Martins de. **O Brasil na historiografia inglesa dos anos joaninos**. Orientador: Jean Marcel Carvalho França. 2012. 165 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2012. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103102/lima_lm_dr_fran.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 14 out. 2020.

MARTINI, Gerlaine. Faces da mãe d’água: saberes da conservação. **Revista Calundu**, v. 1, n.2, jul./dez 2017.

MORAES, José Geraldo. Escutar os mortos com os ouvidos. Dilemas historiográficos: os sons, as escutas e a música. **Topoi**. Revista de História, Rio de Janeiro, v. 19, n. 38, p. 109- 139, mai./ago. 2018.

NAKAHODO, Lilian Nakao. **Cartografias sonoras**: um estudo sobre a produção de lugares a partir de práticas sonoras contemporâneas. Orientador: Daniel Quaranta. 2014. 164 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/44476/R%20-%20D%20-%20LILIAN%20NAKAO%20NAKAHODO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 out. 2020.

PEREIRA, Débora de Viveiros. Histórias ressignificadas: memória e afeto como formas de preservação e valorização do patrimônio nos povoados de Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Gesteira após o rompimento da Barragem de Fundão, Mariana/MG. In: ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL, 12., 2017, Belo Horizonte, Minas Gerais. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: Encontro Regional Sudeste de História Oral, 2017. Disponível em: <http://www.sudeste2017.historiaoral.org.br/resources/>

anais/8/1508074551_ARQUIVO_Historiasressignificadas-textocompleto.pdf. Acesso em: 11 dez. 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Colloques, fev. 2005.

REIS, Filipe. **A (i)materialidade do som: antropologia e sonoridades**. s. d. p. 1. Disponível em: https://www.academia.edu/1094759/A_i_materialidade_do_som_Antropologia_e_Sonoridades. Acesso em: 6 mar. 2020.

RENNÓ, Carlos **Gilberto Gil**. Todas as letras. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

RICOEUR, Paul. **O perdão pode curar?** Lisboa: LusoSofia, [1995].

SALES, Andreia; MUNIZ, Marinalda; PASCOAL, Genival Pascoal. Com apoio de Miriã Bonifácio. “Era na Água Santa”. **A Sirene**, 4 abr. 2018. Disponível em: <http://jornalasirene.com.br/cultura-memoria/2018/04/04/era-na-agua-santa>. Acesso em: 07 mar. 2020.

SILVA, Ivson Bruno da. Literatura fantástica, história e ensino: assombrações pernambucanas na sala de aula. **Encontros de Vista**, Recife, v. 20. n. 2, p. 59-68, jul./dez. 2017.

SILVA, Rodolfo Stancki. **A zona crepuscular: imagens jornalísticas do fantástico no cotidiano**. Orientadora: Luciana Martha Silveira. 2019. 172 f. Tese (Doutorado em Tecnologia) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4728/2/CT_PPGTE_D_Silva%2c%20Rodolfo%20Stancki_2019.pdf. Acesso em: 14 out. 2020.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Digital Source, [s. d.]. Disponível em: <http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/2260559.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2019.

TUGNY, Rosângela Pereira de. Agência dos objetos sonoros. **Per Musi**, Belo Horizonte, n. 31, p.322-344, 2015a.

TUGNY, Rosângela Pereira. Modos de escutar ou: como colher o canto das árvores? In: SILVA, Helena Lopes da; ZILLE, José Antônio Baêta (org.). **Música e educação**. Barbacena: EdUEMG, 2015b.

VELLOSO, Mônica Pimenta. História, literatura e memória: uma discussão sobre universos fronteiriços. **Mouseion**, n. 11, p. 4-22, jan./abr. 2012.

VIANA, Fabio Henrique. **A paisagem sonora de Vila Rica e a música barroca das Minas Gerais (1711-1822)**. Orientadora: Adalgisa Arantes Campos. 2011. 203 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FAFI-8M5JZR>.

Acesso em: 14 out. 2020.

VIDAL, Laurent. Alain Corbin o prazer do historiador. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 49, p. 11-31, jan. 2005.

WISNIK, J. Miguel. **O Som e o sentido**. São Paulo: Companhia das Letras, Círculo do Livro, 1989.

ZILBERMAN, Regina. O diabo e a terra de Santa Cruz ou quando a história se faz na voz de seus agentes. In: DECCA, Edgard Salvatori de; LEMAIRE, Ria (org.). **Pelas margens**: outros caminhos da história e da literatura. Campinas/Porto Alegre: Ed. da Unicamp, Ed. da UFRGS, 2000. p. 119-136.